

AS MULHERES NO SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS

The women in the literary supplement of Minas Gerais

*Eliana da Conceição Tolentino**

RESUMO: O *Suplemento Literário do Minas Gerais* foi espaço para as literaturas e artes brasileiras e de outros países, principalmente nos anos de 1966 a 1976. Criado em 1966 como encarte das edições de sábado do *Minas Gerais*, o Suplemento perdurou até 1992. Nos anos 70, a presença de contistas no *Suplemento* produziu um *boom* do conto no Brasil. Há no SLMG número significativo de intelectuais mulheres que atuavam como escritoras ou críticas literárias, a começar por Laís Corrêa de Araújo. Este trabalho intenta olhar a atuação de contistas no *Suplemento Literário*, destacando Maria Lysia Corrêa de Araújo com “Capítulo XV, versículos 3-20”. Nesse conto, promovendo um trabalho intertextual com o texto bíblico, a contista coloca na figura feminina o espelhamento inverso do herói bíblico Sansão, reatualizando um texto da tradição em situação então contemporânea do Brasil dos anos da ditadura militar.

Palavras-chave: Suplemento Literário; Mulheres; Contos; Silenciamento.

ABSTRACT¹: *The Literary Supplement was space for international and brazilian literatures and arts, especially from 1966 to 1976. It was created in the 60's as an insert of Saturdays editions of the Minas Gerais, what lasted until 1992. In the 70's, storytellers made a boom of the short stories in Brazil. In the SLMG there is a significative number of women intellectuals, as Laís Corrêa de Araújo. These women acted as writers and literary critics. This work proposes, therefore, a look on the actuation of short-story tellers in the Literary Supplement, standing out Maria Lysia Corrêa de Araújo with the “Capítulo XV, versículos 3-20”. In the narrative, promoting an intertextual work with the biblical text and sets in the female figure the reverse mirroring of the biblical hero Samson, the storyteller renews a text of the tradition in situation then contemporary of Military Dictatorship Brazil.*

Keywords: *Literary Supplement; Women, Short-stories; Muting.*

*Professora doutora da Universidade Federal de São João del-Rei-UFSJ, São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil, etolentino5@gmail.com

¹Agradeço a Lucas Augusto Assunção pelo *Abstract*.

1 O Suplemento

A partir de 3 de setembro de 1966, o *Suplemento Literário do Minas Gerais* apareceu como encarte do jornal oficial do governo de Minas Gerais, que divulgava leis, decretos e atos administrativos, o *Minas Gerais* (ANDRADE, 1998, p. 28-34).

Foi Israel Pinheiro que, após atuar por um período em Brasília ao lado de Juscelino Kubistchek, voltou para Minas Gerais como governador, eleito em 1965,; governando até 1970, adotou a mesma política de Kubistchek em relação às artes e à intelectualidade.² Se, de um lado, havia um incentivo às artes, de outro, a amizade e a solicitação de serviços dos escritores e artistas funcionavam como forma de cooptação e controle a possíveis manifestações oposicionistas da classe artística.

Era uma prática corriqueira do governo, portanto, a presença de intelectuais na Imprensa Oficial, órgão que publicava o *Minas Gerais*, jornal de decretos e leis. De acordo com Humberto Werneck, em *O desatino da Rapaziada* (WERNECK, 1992, p. 177), no início da década de 60, era um luxo a Imprensa Oficial contar com a presença de um intelectual do porte de Murilo Rubião, que, por se ver sem posto, tomava como tarefa apenas escrever e verificar leis e decretos que o governo imprimia no *Minas Gerais*. Murilo Rubião chegou até mesmo a escrever obituários de gente viva, como o fez em relação ao presidente Venceslau Brás. A Imprensa Oficial, em contrapartida, patrocinava publicações desses intelectuais. *Os dragões e outros contos*, de Murilo Rubião, por exemplo, numa edição de mil exemplares, foi publicado em 1965 pela Imprensa Oficial.

Os primeiros redatores do jornal foram Murilo Rubião, Laís Corrêa de Araújo, Affonso Ávila, Ayres da Mata Machado Filho e tantos outros que acabaram formando a Geração Suplemento. Nesse sentido, ele retratou a produção da intelectualidade mineira durante um longo período.

A presença de intelectuais em órgãos oficiais parece ser constante em Minas Gerais. Nos anos 1920, o grupo mineiro de *A Revista* teve seus primeiros passos delineados no *Diário de Minas*, órgão do Partido Republicano Mineiro. Nos anos 1960, essa prática perdura pela ação do grupo da Geração Suplemento, composto por Murilo Rubião, Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo, Ildeu Brandão, Wander Pirolli, Luiz

² Disponível em: <www.brasiliense.hpg.ig.com.br/israelpinheiro.htm>. Acesso em: 20 de setembro de 2005.

Vilela, Sérgio Sant'Anna, Libério Neves, Humberto Werneck, Ângelo Oswaldo e outros.

O *Suplemento Literário* era um periódico que abrangia diversas manifestações artísticas, como as artes plásticas, o cinema, o teatro, as literaturas brasileira, portuguesa, africana de língua portuguesa, japonesa, espanhola, literatura dos países latino-americanos etc. Apresenta riqueza gráfica, resultado de um trabalho sério e talentoso de ilustradores e artistas plásticos como Álvaro Apocalypse, Chanina, Jarbas Juarez, Eduardo de Paula, José Márcio Brandão, Liliane Dardot, Márcio Sampaio e tantos mais. Pode-se afirmar que o jornal foi um espaço de criação, um laboratório em que as ideias eram discutidas, elaboradas e postas em prática como uma criação coletiva. Muitas vezes as discussões saíam ou chegavam de outros lugares, pois o *Suplemento* se estendia também pela Faculdade de Direito da Universidade, à Rua Álvares Cabral, subia a Rua da Bahia, parava em bares como a Cantina do Lucas, no Edifício Maleta, e chegava até a Faculdade de Letras e Filosofia da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

Entre as várias peculiaridades do periódico como espaço de criação e divulgação da produção artística de Minas e do país, há as seções que se voltaram para a produção ensaística e literária dos jovens escritores. Enumero algumas: “Roda-Gigante”, “Informais”, “Letras Européias”, “Lançamentos”, um painel da movimentação editorial e “Literatura mineira desde as origens”. Esses ensaios buscam, na tradição, constituir uma identidade e, ainda, “O escritor mineiro quando jovem”, que amplia seu horizonte estendendo-se a todo o país, transformando “Novos de toda parte” e também “Novos em antologia”. Essas seções foram o espaço de expressão dos jovens escritores do estado e do país.

Focalizando o período de 1960 a 1970, quando houve o chamado *boom* do conto no Brasil, podemos citar escritores como Luiz Vilela, Antônio Carlos Braga, Sérgio Sant'Anna, Carlos Roberto Pellegrino, Luís Gonzaga Vieira, Jaime Prado Gouvêa, José Márcio Penido, Humberto Werneck, Sérgio Danilo, Sérgio Tross e José Francisco Rezek e outros.³

³ Sobre a atuação de contistas no SLMG orientei o projeto de iniciação científica “Os novos, o *Suplemento*-um fazer e um contar” desenvolvido por Eliana Mirian Ferreira Nunes. Esse projeto teve seu desdobramento em sua dissertação de mestrado intitulada *Geração Suplemento: memória e representação cultural*, orientada pela professora doutora Dulce Maria Viana Mindlin, da UFOP, tendo minha coorientação.

Ressalte-se que os contos são perpassados pelo contexto da ditadura militar, e suas principais temáticas retratam o modo como a literatura apreendeu e transfigurou o período de exceção vivido pelo país. Há nos contos variedade temática e liberdade de criação.

2 As Mulheres no Suplemento

A presença da mulher na literatura e nos movimentos literários tem sido silenciada de várias maneiras. A pesquisa que desenvolvi durante o doutorado, procurando a passagem que a Literatura Portuguesa fez pelo Atlântico, chegando ao *Suplemento Literário do Minas Gerais*, me levou por outros caminhos, entre eles, a produção literária de contistas mulheres. A produção e participação de mulheres no periódico merecem destaque. Elas atuaram não só escrevendo contos, mas também produzindo crítica e assim participando do movimento literário que então se desenhava na Belo Horizonte do início dos anos 60.

Entretanto, há o silenciamento da voz feminina no chamado *boom* do conto no Brasil. Tomando como referência o livro organizado por Ítalo Moriconi, *Os cem melhores contos brasileiros do século*, publicado em 2000, pode-se notar que na parte dedicada aos anos 70, destacam-se apenas cinco contistas mulheres. Entretanto, num cotejamento comparativo à antologia, recorri à coletânea organizada por Edla van Steen, *O conto da mulher brasileira*, publicada em 1978 e republicada em 2008. Na edição de 1978, segundo a organizadora, pretendeu-se “traçar um panorama da literatura feminina”, e os dezenove contos de autoras revelam uma produção expressiva nos anos 60 e 70.

Há, no periódico mineiro, cerca de vinte e oito mulheres contistas nesse período. Essas mulheres, além da produção literária, também escreveram crítica literária. E não se pode deixar de mencionar o papel importante que teve Laís Corrêa de Araújo junto ao grupo do *Suplemento*.

É preciso lembrar nomes como o de Laís Corrêa de Araújo, Maria Lysia Corrêa de Araújo, Zilah Corrêa de Araújo, Lucienne Samôr, Eliane Zagury, Alciene Ribeiro Leite, Nelly Novaes Coelho, entre tantas. Destaque-se Laís Corrêa de Araújo, que, desde os anos 1950, participara do grupo que criou revistas como *Vocação* e *Tendência*.

Foi sem dúvida membro atuante da *Semana de Poesia de Vanguarda* que aconteceu em Belo Horizonte em 1963 (MACIEL, 2002).

Com importante contribuição ao SLMG, Laís Corrêa de Araújo assinou a coluna “Roda Gigante” de 1966 a 1969. Além de retratar o movimento editorial brasileiro e estrangeiro, a coluna informava sobre concursos literários, conferências e a atuação de intelectuais mineiros, como os cursos que uma boa parte deles ministrava no exterior, naquela época. Segundo Haydée Ribeiro Coelho, a escritora tinha a função, assim como tantos outros colaboradores, de estreitar as fronteiras nacionais e internacionais no *Suplemento*, configurando-o como um espaço múltiplo de vozes. Além de traçar um quadro da movimentação literária, a série demonstra o interesse de Laís Corrêa de Araújo para com o seu tempo. Intelectual voltada à sua atualidade, ela procurava divulgar para seus leitores aquilo que acontecia no meio cultural, não só informando, mas também formando leitores (COELHO, 2005).

Embora “Roda Gigante” tenha tido uma vida efêmera, Laís Corrêa de Araújo permaneceu no periódico atuando em outras frentes. Traduziu textos, escreveu crítica literária, trocou correspondências com escritores de outros países, viajou para realizar entrevistas. E mais, organizou edições especiais como ““Marília”: 200 anos”, “Eduardo Frieiro: 40 anos de literatura”, “Affonso Arinos Centenário”, “Literatura e Artes: Os Novos” e, com Fernando Correia Dias, a edição especial “Mário de Andrade, Minas e os mineiros” (TOLENTINO, 2006, p.59). Ela deixa o *Suplemento* a partir de 1970, quando passa a atuar como assessora técnico-cultural da Biblioteca Pública Estadual “Luís Bessa”, em Belo Horizonte (MACIEL, 2002, p. 60).

Leio a atuação dessas mulheres pertencentes à Geração Suplemento, tanto no que diz respeito à escrita que empreenderam, quanto pelo fato da significativa participação no periódico em outras frentes. Eram jovens que se iniciavam no espaço literário. A chamada Geração Suplemento marcou-se principalmente pela opção de escritores jovens, pelo gênero conto.

3 As contistas

A presença de contistas no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, principalmente na década de 1970, resulta num número variado de atuação. Se algumas publicaram apenas uma vez, há outras que participaram com mais de uma publicação.

Entre as contistas podemos citar Alciene Ribeiro Leite, Ana Cecília Carvalho, Astrid Cabral, Carmen Schneider Guimarães, Celina Ferreira Cardoso, Cidinha Lintz Machado Silva, Dagmar Trindade, Eliane Zagury, Farida Issa, Irene de Melo Neves, Lucia Helena, Lucienne Samôr, Maria Amélia de Mello, Maria Auxiliadora Moreira Duarte, Maria Helena Rouanet, Maria Dinorah, Maria Lysia Corrêa de Araújo, Martha Carvalho Rocha, Mariza Vitória Pettinelli, Myriam Campello, Ruth Maria Barbosa, Raquel Jardim, Sandra Lyon, Sandra Siqueira, Tânia Jamardo Faillace, Vilma Áreas e Wanda Figueiredo. Esse levantamento deve-se principalmente às pesquisas de iniciação científica “Mulheres em seu tecer” e “Mulheres em seu tecer e destecer”, por mim orientadas, e executadas por Deise Mara Balieiro.⁴ Se na primeira pesquisa procuramos verificar quem eram as contistas do *Suplemento*, no segundo projeto, procuramos os textos críticos dessas mesmas contistas no periódico.

O que se percebeu é que a participação de mulheres nos movimentos literários em Minas, principalmente, foi além dos limites do *Suplemento Literário*. No número especial do periódico, dedicado aos novos contistas, organizado em 1968, que teve a apresentação assinada por Laís Corrêa de Araújo, contamos com a participação de contistas que fizeram parte do grupo da revista *Estória*, como Wanda Figueiredo, Teresinha Azevedo, Lucinne Samôr, Maria Luiza Ramos e Fernanda Rios.

Segundo Sérgio Sant’Anna, a importância da edição especial do *Suplemento Literário*, dedicada aos novos contistas, deveu-se ao fato de cumprir a função de referência para a geração dos jovens mineiros. (SANT’ANNA, 1968). E foi nas páginas do periódico, na convivência na sala Carlos Drummond de Andrade, na Imprensa Oficial, nos bares e ruas de Belo Horizonte em que essa geração foi se formando, se constituindo, se construindo. Contudo, em que pese o importante papel que as mulheres desempenharam no *Suplemento Literário*, a voz feminina dessa geração foi silenciada.

De temática variada, os contos abordam, em geral, situações cotidianas, questões sociais de exclusão e questões intimistas ou existenciais. O que nos chamou atenção foi o silenciamento crítico em relação a essas contistas, levando-nos a uma breve hipótese de que, embora se tenha iniciado com uma publicação no *Suplemento Literário do*

⁴ Deise Mara Baleiro defendeu, junto ao PROMEL/UFSJ, sua dissertação de mestrado por mim orientada que se configurou um desdobramento dessas pesquisas de iniciação científica. A dissertação, intitulada-se *Mário/Vera Brasil, 1962-1964 de Tania Jamardo Faillace: o tecer de um tempo é o tecer da escrita*, foi defendida em julho de 2015.

Minas Gerais, provavelmente, muitas não prosseguiram a carreira como escritores. Assim, tivemos dificuldade em encontrar dados biográficos e mesmo críticos sobre elas.

Quanto às técnicas narrativas das escritoras, torna-se relevante destacar a percepção da liberdade de criação que o gênero conto permite, justamente por sua maleabilidade e confluências com outras formas de composição literária, como o poema e o romance.

4. Maria Lysia Corrêa de Araújo

Ressalta-se, entre todas essas escritoras, Maria Lysia Corrêa de Araújo. A razão do destaque deve-se principalmente pelo fato de que a escritora tem sido objeto de estudos junto ao Programa de Mestrado em Letras da UFSJ (PROMEL). Em 2012, a partir do perfil do Programa de Pós-graduação, a professora da UFMG, Myriam Corrêa de Araújo Ávila, sobrinha da intelectual Maria Lysia Corrêa de Araújo, doou para o PROMEL, para a Universidade Federal de São João del-Rei-UFSJ, a biblioteca de sua tia.

Maria Lysia Corrêa de Araújo nasceu na cidade mineira de Campo Belo, em 4 de setembro de 1922 e viveu parte da infância em São João del-Rei, mas passou também durante sua vida por São Paulo, Recife e Rio de Janeiro. A escritora falece em janeiro de 2012, em Belo Horizonte, e sua trajetória intelectual tem sido levantada com base nas pesquisas feitas a partir do acervo de livros e documentos doados ao PROMEL.

Assim, sabe-se que escreveu crônicas, contos, livros infanto-juvenis e recebeu vários prêmios literários nacionais. Seu primeiro livro *Em silêncio*, que contém vinte e um contos, é publicado em 1978, pela editora José Olympio/MEC. Há ainda a novela *Um tempo*, publicado pela Nova Fronteira, *Aprendiz de Barroco*, *Bairro Feliz*, publicado em 1982 (ANDRADE, 1982, p. 06). *Os pássaros que gostavam de poesia*, Comunicação, Belo Horizonte, 1981, é a sua estreia em literatura infanto-juvenil. Publicou em jornais e revistas como *O Estado de Minas*, *Diário de Minas*, *Revista Alterosa*. Na década de 1970, retornou a Belo Horizonte, dedicou-se à literatura e, nessa década, casou-se com Pedro Aguinaldo Fulgêncio, diretor dos Diários Associados.

No *Suplemento Literário* publicaram-se os contos “A espera”, “A roupa”, “Do processamento inexorável”, “Em silêncio”, “Capítulo XV, versículos 3-20”, entre

outros. Esse último foi publicado em 9 de julho de 1983. Embora não esteja nas publicações iniciais do periódico, sua temática chama atenção, pois, já a partir do título, remete para a *Bíblia* e a tradição cristã. O diálogo com a *Bíblia* vem desde suas primeiras publicações. Conforme informa Maria do Rosário A. Pereira (PEREIRA, 2015), já em “A Espera”, há intertextualidade entre o texto de Lysia Corrêa e “O óbulo da viúva”, presente nos evangelhos de “Marcos” (12: 41 a 44) e “Lucas” (21: 1 a 4). E há também diálogo com o texto bíblico em “Paixão segundo São Mateus” e “Em silêncio”, do livro homônimo.

Em “Capítulo XV, versículos 3-20”, já pelo título, a relação com a *Bíblia* fica evidente e é reforçada com o primeiro parágrafo que é literalmente a transcrição da primeira parte de *Juízes*, versículo 16, presente no *Antigo Testamento*: “Sansão foi a Gaza, e viu ali uma prostituta, e coabitou com ela” (CORRÊA DE ARAÚJO, 1983). Em seguida, agora uma personagem mulher, Rosa, tem atitude semelhante: “Rosa foi ao Rio, viu um malandro na praça Mauá e passou a morar com ele.” (CORRÊA DE ARAÚJO, 1983). Numa apropriação do texto bíblico, o conto é composto com partes que se referem a Sansão e, logo em seguida, partes que se referem então a Rosa. Sob a perspectiva da intertextualidade, o texto da *Bíblia* como texto que faz parte da memória cultural, inserido dessa forma numa tradição, é aqui apropriado e as atitudes da personagem Rosa funcionam como um espelho inverso das atitudes de Sansão.⁵

Na *Bíblia*, Sansão aparece principalmente em *Juízes*, livro do *Antigo Testamento* que traz “certas personagens insignes que, depois da morte de Josué até a constituição do reino_ isto é, desde o século XII ao XI a. C._ libertaram, em várias circunstâncias, o povo de Israel dos inimigos.” (Introdução- *Bíblia Sagrada* s/d.). Esse livro narra então a história de doze heróis que se encaixam na categoria menores e maiores. A narrativa bíblica da trajetória desses juízes passa por três etapas; a saber: o pecado do povo que se afasta de Deus por práticas idolátricas, o castigo, quando o povo sofre dominação estrangeira, o arrependimento e a libertação que é realizada por um juiz. Sansão é, portanto, um desses heróis, dentro da categoria de juiz maior, é um nazireu, um escolhido por Deus, pois seu nascimento de mãe estéril foi anunciado pelo anjo do Senhor. Por ser um nazireu, Sansão deveria seguir certos preceitos que já tinham sido

⁵Agradeço a Taciana Alexandra da Silva pela leitura e colaboração sobre as referências à *Bíblia Sagrada*.

impostos também à sua mãe pelo anjo: não comer nada que nascesse da vinha, não tomar vinho, nem qualquer bebida que pudesse embriagar, não comer coisas impuras.

Além disso, Sansão não poderia ter a cabeça raspada. Deus estava com ele. Evidentemente, Sansão não poderia se relacionar com os filisteus que eram inimigos de seu povo. Sansão é, portanto, um escolhido para defender seu povo, sua nação. Mas desobedece as regras que lhe são impostas, casando-se com uma filisteia. A caminho de Tamnata, o espírito do Senhor apossou-se dele e conseguiu vencer facilmente um leão; entretanto, quando retornou para se casar, retirou o mel da colmeia que estava na boca do leão morto, comeu e ofereceu a seus pais, porém, sem lhes dizer a origem; estava aí a sua segunda desobediência. Sansão propõe no casamento um enigma aos filisteus. Estes ameaçaram queimar a sua esposa e a casa de seus pais, obrigando-a descobrir a resposta. E quando retorna de Ascalon para rever a mulher, ela casara-se “com um dos seus amigos e companheiros dele nas bodas.” (*Juízes*, 14- *Bíblia Sagrada*, s/d). Sansão sofre, portanto, a sua primeira traição, traição que se repetirá quando, no segundo casamento, Dalila também usará da artimanha da sedução para arrancar do marido o segredo de sua força descomunal. Embora ele tenha lhe mentido várias vezes e em cada vez ela avisou que os filisteus o atacariam, Sansão acaba por contar que o segredo de sua força estava nos cabelos. Ele é então preso pelos príncipes filisteus e seus olhos são vazados. Como os filisteus adoravam o deus Dagão, promoveram uma festa e expuseram Sansão ao ridículo, divertindo-se de sua condição de prisioneiro. Entretanto, como seus cabelos começaram a crescer e, a partir da cegueira física, pode finalmente entender e enxergar o seu papel e as leis divinas, suplica que suas forças fossem retomadas. É atendido pelo Senhor, consegue derrubar as colunas que sustentavam o local da festa, morrendo e matando cerca de três mil pessoas, agindo assim como juiz do povo de Israel.

A narradora do conto “Capítulo XV, versículos 3-20” apresenta-nos Rosa, que, na praça Mauá, “escolheu exatamente o mais malandro de todos os malandros daquela praça.” É interessante notar que agora quem escolhe é uma mulher e, se Sansão pôde estar com a prostituta, Rosa subverte uma ordem pré-estabelecida há muitos anos para as mulheres numa sociedade patriarcal quando não fica à espera de um príncipe encantado, um herói para se casar, mas sai em busca e escolhe o mais malandro dentre todos.

Evidentemente que essa atitude provoca o desejo dos outros malandros em matá-la. Mas a atenção de Rosa não permite que ela morra e, se Sansão se afeiçoa a Dalila, como no trecho bíblico transcrito no conto, Rosa também se encanta por outro malandro, agora do Leblon, que ouvia no rádio a música “Sorria, meu bem, sorria”.² E, não sendo feliz para sempre, o amor termina em apenas uma semana, segundo a narradora, “tempo demasiado para o amor”. A narrativa prossegue num tom irônico e de denúncia, pois, além de afirmar que “a praça Mauá não era a única privilegiada como celeiro de malandros”, informa que os malandros do Leblon, assim como os da praça Mauá, ficaram incomodados com o fato de Rosa escolher um deles. Se Sansão é enganado pelas duas mulheres, aqui quem sofrerá a pressão, agora dos malandros, para se revelar o segredo de sedução do escolhido, será Rosa.

Assim sendo, ofereceram-lhe dinheiro e fizeram propostas para que ela lhes contasse qual seria a grande atração do escolhido. Do mesmo modo como os filisteus incitaram Dalila a descobrir o mistério da força de Sansão, também aqui, após a descoberta do segredo do malandro do Leblon, os outros “queriam conquistar rosas”. Entremeando a narrativa, há a reprodução do texto bíblico em que Dalila indaga a Sansão sobre o segredo de sua força. Porém, o próximo parágrafo do conto apresenta a estratégia de Rosa:

Respondeu-lhes Rosa, falando baixinho no ouvido de cada um que era... essa reticência marcou uma grande decepção no rosto de todos, pois coisa mais simples não podia existir. E fora pelas ruas conquistando rosas com a técnica simples do malandro. Este ficou indignado com Rosa que havia ensinado sua técnica aos outros. Perdeu a confiança nela. Rosa se sentiu aliviada, porque nunca era feliz num amor mais demorado, e foi em busca de outros. (CORRÊA DE ARAÚJO, 1983).

² A música que fez sucesso nos anos 1970 foi composta por Evaldo Braga e Carmen Lúcia e cantada por Evaldo Braga, considerado o ídolo negro da música brega. O cantor nasceu em Campos em 25 de maio de 1945, era filho de Antônio Braga, foi rejeitado pela madrasta que não aceitou o filho de relação extraconjugal. Ele não conheceu a mãe biológica e viveu em colégio interno e no Instituto Profissional XV de Novembro, em Quintino, no Rio de Janeiro, que pertencia ao SAM (Serviço de Assistência aos Menores), que mais tarde se tornaria FUNABEM (Fundação do Bem Estar do Menor). Fez muito sucesso e faleceu após acidente de carro em 31 de janeiro de 1973, na BR-3 entre Rio de Janeiro e Juiz de Fora. Embora não haja uma biografia sobre o cantor, há várias versões sobre sua história de vida e uma delas é que viveu nas ruas e praças como os malandros do conto de Maria Lysia Araújo. Independente da veracidade dos fatos nas letras das músicas que canta um eu poético se remete para questões de subalternidade, abandono e superação, tendo como pano de fundo um amor não correspondido ou que terminou.

Cf. Documentário *Evaldo Braga - O Ídolo Negro* (1997) de Armando B. Mendes Filho, disponível no *site Youtube*. <<https://www.youtube.com/watch?v=fR6dHGT7dOM>>. Acesso em 25 de setembro de 2015.

Assim como Sansão foi inquirido pelos homens de Judá, como mostra a transcrição que segue à resposta de Rosa, no conto, as perguntas prosseguem e indagam-lhe porque ela não se fixa com nenhum dos malandros das duas praças. Novamente segue a transcrição do texto bíblico e a resposta de Rosa é uma risada que ecoa pela cidade. Então os malandros suplicam aos deuses que os deixem livres de Rosa, pois se sentem oprimidos por ela. Foram atendidos, mas faixas de mandamentos foram deixadas; porém, eles agiram de forma contrária às normas e isso fez com que permanecessem no “sofrimento de amor”. Assim como Sansão, também quebram as regras que deveriam seguir. Assim como Sansão, envolveram-se com uma estrangeira, afinal Rosa não pertence ao espaço da praça como os malandros.

Apropriando-se do texto bíblico, a narradora promove uma inversão, afinal, se em *Juízes* o personagem é Sansão, no conto, a personagem é uma mulher, Rosa. Percebe-se que a personagem é uma metonímia das mulheres uma vez que no conto a palavra rosa parece duas vezes com letra minúscula, referindo-se a mulher substantivo comum. Se a paródia, segundo Afonso Romano de Sant’Anna, preza pela inversão e “se define pelo jogo intertextual” (SANT’ANNA, 2003, p.12), aqui, um texto bíblico é trazido para narrar não a história de um povo escolhido e de uma heroína bíblica, mas de marginalizados, de uma mulher que percorre os lugares menos nobres, como as praças da cidade urbanizada à procura de amor. E dá-se ao direito de trocar de namorados entre os malandros das ruas, tornando-se criminosa aos olhos daquela sociedade e será por ela eliminada.

Se o texto bíblico tem a função de pregar modelos de ética e comportamento religioso, o texto de Maria Lysia de Araújo traz personagens que não transitam pelos mesmos espaços nobres dos personagens bíblicos, nem são seres escolhidos pelos deuses. Se Sansão usa de esperteza e do fato de ser o escolhido para vingar os filisteus, a Rosa, ainda que também tenha usado de atenção e esperteza e tivesse autonomia, cabe a condenação e a morte. E, embora os malandros da praça tenham suplicado aos deuses para livrarem-se de Rosa, eles não são atendidos pelo poder divino porque descumpriram os preceitos, e são os soldados que desempenharam essa função. Se Sansão morre, mas também mata seus inimigos, Rosa morre sozinha; se ela matou quatro e “descia cada vez mais na vida”, outros que mataram mil não eram julgados e condenados, mas ascendiam naquela sociedade. Portanto, mesmo que Rosa tenha

aparentemente o mesmo destino de Sansão, ela, ao contrário dele, não escolhe morrer, mas é morta por aqueles que sentiam perder o poder diante daquela mulher que tinha autonomia e agia segundo o que acreditava, era livre para escolher e dispensar os homens que amasse ou deixasse de amar. Se Rosa é a metonímia das mulheres, uma vez que seu nome toma o sentido de substantivo comum quando na boca dos malandros, ela representa o elemento estrangeiro que entra numa sociedade, tem um comportamento diferente do pré-estabelecido. Rosa é livre para agir segundo suas próprias razões, tudo isso são procedimentos que assustam aquela sociedade que intenta eliminá-la.

Nesse sentido, ao colocar uma mulher como personagem do conto, a escritora insere num texto da tradição uma insubordinação, na medida em que instaura a diferença. As ações de Sansão e Rosa são semelhantes, mas os destinos são diferentes. Se cabe a Sansão a vingança permitida por Deus, a Rosa cabe somente a morte e a violência para com seu corpo que antes de ser jogado ao mar sofreu violências físicas.

No dicionário *Aurélio*, “malandro” refere-se ao “indivíduo dado a abusar da confiança dos outros, ou que não trabalha e vive de expedientes; velhaco, patife. Indivíduo preguiçoso, madraço, mandrião. Gatuno, ladrão. *Bras.* Indivíduo esperto, vivo, astuto, matreiro.” (BUARQUE DE HOLANDA, p.869). Como observa Gilmar Rocha, a figura do malandro é tema de muitas produções culturais nos anos 1960 e 1970, a começar pela peça teatral *Boca de ouro*, de 1969, de Nelson Rodrigues, por “Dialética da malandragem”, de 1970, ensaio de Antonio Candido sobre o romance *Memórias de um sargento de milícias*, passando por *Homenagem ao malandro*, de 1978, música de Chico Buarque de Holanda, pela peça teatral *Ópera do malandro*, do mesmo ano, além de filmes como *Vai trabalhar vagabundo*, de 1973, dirigido por Hugo Carvana. A malandragem passa, a partir do período da ditadura militar no Brasil, a ocupar um campo discursivo que remete para o campo político de subversão da ordem. (ROCHA, 2006). Para Gilmar Rocha

O culto à malandragem coincide com o momento político e cultural da censura e ditadura militar no Brasil. Com efeito, as representações da malandragem passam a ter mais explicitamente uma significação política entre setores intelectualizados das camadas médias, mais ou menos comprometidas com a esquerda, como forma de reação ao fechamento da vida política e cultural da sociedade brasileira. Vinculada ao folclore da sabedoria popular, a malandragem aparece como uma possibilidade de ludibriar o cerco ditatorial da censura ao se dizer o proibido através do consentido. Em outras palavras, o

significado cultural da malandragem seria traduzido pela metáfora da “linguagem da fresta”, a única capaz de driblar a censura, declara Vasconcelos. (ROCHA, 2006, p.110)

E ainda:

A malandragem adquire uma conotação política, aqui entendida como crítica cultural discursiva. Assim, a compreensão dessa “politização da malandragem” tem correspondência com as disputas ocorridas no próprio campo discursivo das ciências sociais na época. (...) É sabido que o processo de fechamento político nos anos 60 contribuiu para a emergência da ideologia da malandragem. Contudo, não se pode tomar esse fato como o elemento único e/ou determinante de seu desenvolvimento. Como se viu até aqui, a malandragem está mais proximamente relacionada à estrutura da sociedade brasileira do que com a conjuntura política. No entanto, tal relação não impede o reconhecimento de outros fatores significativos na compreensão da eficácia simbólica (discursiva) da malandragem em tempos de ditadura militar. (ROCHA, 2006, p.110 e115)

Se Rosa transita no espaço público da praça com os malandros, quem a mata não são os malandros, mas os soldados. Cabe aqui uma breve digressão sobre o período em que o conto foi publicado no *Suplemento Literário*, 1983, período pós-abertura política após 21 anos de ditadura militar no Brasil. Os soldados, representando o poder militar, são os que detêm o poder em relação à vida e à morte de Rosa. Note-se que após agirem como juízes e condená-la pelos crimes de que é acusada, após matá-la, jogam-na no mar, pois certamente seu corpo desapareceria e a “frase genial” de um dos soldados, “o mar um dia ia entupir”, remete-nos para uma das práticas da polícia política da ditadura militar que, após torturar os prisioneiros políticos, os corpos eram jogados ao mar, dificultando assim uma possível identificação pelo apagamento de vestígios. Essa prática veio à tona recentemente quando a Comissão da Nacional da Verdade retomou o caso do desaparecimento do deputado Rubens Paiva.³

E mais, “Depois da missão cumprida, os soldados, que também eram juízes, voltaram rindo como nunca.” (CORRÊA DE ARAÚJO, 1983). Esse último período do

³ C.f. Vítimas da Casa da Morte foram jogadas dentro de rio, diz coronel. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/vitimas-da-casa-da-morte-foram-jogadas-dentro-de-rio-diz-coronel-11940779#ixzz3qZJEsQZ0>>. Acesso em 01 de novembro de 2015.

A confissão do coronel. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/353583_A+CONFISSAO+DO+CORONEL>. Acesso em 01 de novembro de 2015.

conto reafirma o papel que a ditadura militar incumbia a muitos de seus soldados, papel de juízes e algozes dos presos políticos.

Ao trazer o texto bíblico e colocar na figura feminina o espelhamento inverso do herói bíblico Sansão, a contista reatualiza um texto da tradição em situações então contemporâneas do Brasil dos anos da ditadura militar. Há que se lembrar o trabalho intertextual no conto que passa pelo posicionamento crítico da autora, numa espécie de “contracanto” em que textos se confrontam e são contrastados pelo olhar da mulher diante da cultura religiosa e patriarcal. Há, portanto, uma intenção em transformar e modificar um pensamento (HUTCHEON, 1985, p. 47, p. 55). Seriam esses soldados aqueles a que o conto se refere, os que “matavam mil e subiam cada vez mais”? Esta questão parece-nos de grande importância por nos colocar diante das relações entre esse conto de Maria Lysia Corrêa de Araújo e o momento histórico por que passava o Brasil. Embora esse não seja o objeto do trabalho, entende-se que refletir sobre essa analogia pode esclarecer pontos acerca do lugar das contistas mineiras em seu momento histórico. Contudo, esse olhar sobre a produção da autora requer outra pesquisa que está ainda por fazer não cabendo no espaço deste texto. Neste texto, procuramos refletir sobre o lugar da mulher no *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Pode-se observar a sua participação em várias seções desse *Suplemento* e sua atuação político-literária quando pela ficção se reflete e se critica o momento histórico do país.

Referências

ANDRADE, V. L. Murilo Rubião e a geração Suplemento. In: *Scripta*. Belo Horizonte, v. 1, n.2, 1º sem. 1998, p.28-34.

BALIEIRO, D. M. *Mário/Vera Brasil, 1962-1964 de Tania Jamardo Faillace: o tecer de um tempo é o tecer da escrita*. Dissertação de mestrado. São João del-Rei: UFSJ, 2015.

BOSI, A. *O conto brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Cultrix, 1985.

BÍBLIA SAGRADA. Rio de Janeiro: Gamma Editorial e Gráfica, Edições Paulinas. s/d.

COELHO, H. R. *Suplemento Literário de Minas Gerais: da origem aos dias Atuais*. Mesa redonda realizada no dia 15 de agosto de 2005. Participantes: Humberto Werneck/SP, Sebastião Nunes/MG, Marcio Sampaio/MG, Haydée Ribeiro Coelho/MG e Camila Diniz/MG (Coordenadora/Editora do SLMG). 6o Salão do Livro de Minas

Gerais & Encontro de Literatura. Serraria Souza Pinto, Belo Horizonte: 11 a 21 de agosto de 2005.

CORRÊA DE ARAÚJO, M. L. Capítulo XV, versículos 3-20. In: SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS. Secretaria de Cultura de Minas Gerais: Belo Horizonte, v. 18, n. 875, p. 7, 9 jul. 1983.

FERREIRA, A. B. de H.. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA NUNES, E. M. *Geração Suplemento: memória e representação cultural*. Dissertação de mestrado. Mariana: 2012.

GOTLIB, N. B. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 2000.

HUTCHEON, L. *Uma teoria da paródia: ensinamentos da forma de arte no século XX*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

MENDES FILHO, A. Documentário *Evaldo Braga - O Ídolo Negro 1/3* Natora Produções Grotz (1997). Disponível no site Youtube. <<https://www.youtube.com/watch?v=fR6dHGT7dOM>>. Acesso em 25 de setembro de 2015.

MACIEL, M. E. (Org.). *Laís Corrêa de Araújo*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

PAULINO, G.; WALTY, I.; CURY, M. Z. *Intertextualidades: teoria e prática*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1998.

MORICONI, I. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

_____. In: VELLOSO, B. A república do conto. *Revista Época*. Rio de Janeiro: edição 470, 21 de maio de 2007.

OTÁVIO, C. *Vítimas da Casa da Morte foram jogadas dentro de rio, diz coronel*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/vitimas-da-casa-da-morte-foram-jogadas-dentro-de-rio-diz-coronel-11940779#ixzz3qZJEsQZ0>>. Acesso em 01 de novembro de 2015.

PEREIRA, M. do R. A. Palavras de inquietude: a literatura de Maria Lysia Corrêa de Araújo. In: ARRUDA, A. A. et alli (Orgs.). *Anais Mulheres em Letras: Memória, transgressão, linguagem*. Belo Horizonte, 2015, p. 25-53,

ROCHA, G. “Eis o malandro na praça outra vez”: a fundação da discursividade malandra no Brasil dos anos 70 In: *Scripta*, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 108-121, 2º sem. 2006.

RODRIGUES, A. *A confissão do coronel*. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/353583_A+CONFISSAO+DO+CORONEL>. Acesso em 01 de novembro de 2015.

SUPLEMENTO LITERÁRIO. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Disponível em : <<http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/Lib/Html/WebSupLit.htm>>. Acesso em 20 de novembro de 2015.

SANT'ANNA, A. R. de. Disponível em: <http://www.bb.com.br/appbb/portal/bb/si/pbcs/rsm/Affonso_Romano.jsp>. Acesso em 27 de setembro de 2005.

_____. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

SANT'ANNA, S. Os novos de Minas: o problema da participação. In: MINAS GERAIS. *Suplemento Literário*. Belo Horizonte: v. 3, n. 84, abr. 1968, p. 3.

STEEN, E. V. (Org.). *O conto da mulher brasileira*. São Paulo: Vertente Editora, 1978.

TOLENTINO, E. da C. *Literatura Portuguesa no "Suplemento Literário do Minas Gerais"*: Relações Brasil/Portugal. Tese de doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

WERNECK, H. *O desatino da rapaziada: Jornalistas e escritores em Minas Gerais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.